

A inserção do eu, a objetividade e a neutralidade do discurso jornalístico em “Rastejando até Belém”, de Joan Didion¹

Tiago de Lima ENEAS²
Sebastian Faustino
PEREIRA³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

O presente trabalho tenciona expor o que faz do ensaio “Rastejando até Belém”, da escritora Joan Didion, ser classificado como jornalismo literário e de qual maneira contribui ou não para a exposição do relato factual. Exploramos as noções de objetividade e neutralidade e sob qual ótica as mesmas figuram na obra particular da autora. Partimos de uma abordagem bibliográfica, amparada por Kramer (1996) e Sponholz (2009). Concluímos que existe sim objetividade e neutralidade na obra e que a auto-inserção serve como ferramenta narrativa-jornalística de ordem empática.

PALAVRAS-CHAVE: Objetividade jornalística; jornalismo literário; Joan Didion; neutralidade; discurso jornalístico.

Introdução

Jornalismo literário é, em linhas gerais, uma especialidade jornalística em que o realizador dispõe de recursos literários para a elaboração e consolidação do texto, comumente quebrando o tradicionalismo e a mecanicidade da lógica da pirâmide invertida (e, por conseguinte, o *lead*). A liberdade criativa do autor permite-o se tornar personagem e atingir uma profundidade maior do fato. Para Pena (2007, p. 6), jornalismo literário,

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Jornalismo e Literatura), evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Discente de Graduação do curso de jornalismo da UFRN.

³ Docente do Departamento de Comunicação Social (UFRN).

Essa especialidade encontra seu apogeu nos Estados Unidos entre as décadas de 1960-1970, sob a forma de “*New Journalism*” (Novo Jornalismo), termo popularizado por Tom Wolfe em um contexto de decadência do romance. A alcunha abrange os escritores do período que praticavam o jornalismo dessa maneira, como o próprio Tom Wolfe, Hunter Thompson, Jimmy Breslin, Norman Mailer e Joan Didion, autora aqui investigada.

Diferencia-se “Jornalismo literário” e “Novo Jornalismo” considerando que o segundo é uma vertente do primeiro. “Jornalismo literário” remete ao jornalismo produzido, em qualquer parte do globo, sob a égide das características já mencionadas, enquanto “Novo Jornalismo” refere-se ao movimento dos escritores norte-americanos dos anos 1960-70, que incorporaram essas técnicas aos seus textos (Weingarten, 2010; Wolfe, 2005). Joan Didion se encontra tanto na tradição do primeiro quanto do segundo.

Didion retratou a efervescência dos anos 60, provocada pela agitação dos movimentos sociais e protestos (nas mais diversas formas) contra a hegemonia nos Estados Unidos. Em *Rastejando até Belém* (2021), ao se colocar ao lado de garotos e garotas que levam uma vida alternativa, consomem drogas excessivamente e enaltecem a liberdade, explora a realidade da tendência *hippie*, um movimento de contracultura fundamentado na paz de espírito e igualdade.

A pesquisa justifica-se a partir da relevância do jornalismo literário, que permanece atual mesmo 50 anos após o seu auge. Ao analisarmos os mecanismos internos desses relatos, evidencia-se, a partir das especificidades da construção textual, a importância que possui enquanto especialidade jornalística, pois fornece ao leitor um texto altamente aprofundado e bem apurado.

Detentora de prêmios como a Medalha Nacional de Humanidades e o *National Book Award*, Joan Didion foi escolhida para o presente trabalho devido à competência de sua obra e pela influência exercida no campo, sendo uma das principais expoentes do gênero. Ela é autora de ensaios jornalísticos, memórias e romances e trabalhou principalmente para o *Saturday Evening Post*.

Metodologia

Levando em conta a complexidade do tema tratado e a ausência de uniformidade conceitual, realizamos um estudo de cunho bibliográfico, norteado por Sponholz (2009) e Kramer (1995). A escolha dos autores é baseada na delimitação dos conceitos de objetividade e neutralidade, determinantes para o objetivo do trabalho, que consiste na

Para este trabalho, estabelecemos cinco características que funcionarão enquanto parâmetro avaliativo para a determinar se o texto pertence ou não à esfera do jornalismo literário. São elas:

A *imersão*, que corresponde ao período em que o jornalista adentra o máximo possível na realidade do fato e reúne informações para a construção do produto jornalístico, associada com à apuração precisa; a *voz autoral*, que contém as características próprias do autor, incluindo seu estilo (como o uso recorrente de metáforas, onomatopéias em demasia, ironia, estilo pessoal, etc); a *liberdade do autor*, que diz respeito à autonomia de transitar entre fatos distintos, cometer digressões e mesmo alternar o ponto de vista para a construção do relato; a *humanização*, que abarca a representação dos envolvidos na história como pessoas e não meramente como personagens que concedem declarações; e o *fio condutor*, que remete à capacidade de conduzir o leitor através do texto por meio de um elo de ligação (seja ele o próprio autor ou algo pertencente ao universo narrativo).

Originalmente, as características de Kramer são oito: imersão, honestidade com fontes e leitores, escrita sobre eventos rotineiros, voz autoral, estilo, postura móvel do autor, uso adequado da estrutura e a construção de significado. A humanização, que não está presente, foi anexada por se tratar de um aspecto fundamental nos escritos do jornalismo literário. Optamos pela redefinição dos critérios pois há redundância (voz autoral e estilo), além da reafirmação de algo presente na própria natureza da profissão, não sendo particular ao jornalismo literário (honestidade com fontes e leitores, uso adequado da estrutura e construção de sentido). O critério da escrita sobre eventos rotineiros foi desconsiderado levando em conta que não cabe como fator limitante em virtude da pluralidade da especialidade (uma técnica/gênero que não opera somente a partir do que é cotidiano).

Além disso, trabalhamos as noções de neutralidade e objetividade e como figuram dentro do ensaio. Foram delimitadas tendo em vista a equivocada relação sinonímica atribuída aos termos.

Entendemos a neutralidade como “a abstenção de expor-se à própria opinião. Isso ocorre quando não se pode reconhecer a posição do jornalista sobre o tema noticiado ou quando este escreve um texto sem adjetivos e outras expressões opinativas” (Sponholz, 2009, p. 27). Para a objetividade, entendemos como a semelhança entre a realidade social e a realidade midiática (Sponholz, 2009, p. 17), sendo esta uma característica concernente

ao método jornalístico, que busca a máxima verossimilhança e uma representação fidedigna da realidade. Consideramos também a “busca pela objetividade” face à impossibilidade de verificação empírica, bem como ressalta-se que nem uma, nem outra, podem ser atingidas totalmente. Isso se deve à própria natureza do jornalismo enquanto profissão e campo do conhecimento.

Fundamentação teórica

O jornalismo é uma atividade fundamentada no interesse público (e não do público), fato visível na literatura. Para Oliveira (2020, p. 7), “jornalismo é a percepção apurada, capacidade de selecionar, hierarquizar, sintetizar e transmitir de forma a alertar para que nossa condição de cidadão nunca seja esquecida”. Pena (2008, p. 23) denomina o jornalismo como os relatos e a transmissão de informações para outros membros de uma comunidade que buscam segurança e estabilidade do conhecimento sob certas condições éticas e estéticas.

As concepções trabalhadas, ainda que sejam diferentes, possuem um ponto comum, que é o interesse público. Vislumbra-se, também, o papel mediador do jornalista, que transita entre testemunha do fato e escritor do mesmo, providenciando ao público um produto comunicativo privilegiado. O privilégio provém da captura do real, ou seja, da “verdade” incorporada ao produto. Por meio dele, o consumidor (quem lê, assiste ou ouve) é capaz de se inserir no evento e transformá-lo em conhecimento de acordo com a fruição, determinada por um contexto subjetivo.

O estabelecimento da verdade enquanto qualidade primordial do jornalismo, academicamente, é visível desde o século XVII, na primeira tese acadêmica de jornalismo (Peucer, 1690). “Relaciono com a vontade do escritor de periódicos a credibilidade e o amor à verdade”. (Peucer, 1690, p. 19). As ideias do autor colocaram, precocemente, critérios de notícias, por meio de padrões do que vale a pena ser noticiado ou não.

Essas dimensões (interesse público, “verdade incorporada” e a mediação da realidade), no jornalismo literário, não desaparecem. Alguns procedimentos, como a apuração, adquirem, na verdade, um peso muito maior e a busca pela verdade permanece como uma preocupação vital.

“O centro cedia” (Didion, 1967, p. 77). A frase que inicia o ensaio de 1967 retrata em poucas palavras a inquietação encontrada nos Estados Unidos do período. San Francisco era o palco das “hemorragias sociais” e foi para lá que a autora se voltou,

ainda que não soubesse o que procurar. “A primeira vez que fui a San Francisco, naquele

final da fria primavera de 1967, eu nem sequer sabia o que pretendia descobrir, então só passei um tempo por lá e fiz alguns amigos”. (Didion, 1967, p 78).

Em um produto jornalístico disposto a partir da pirâmide invertida, a tendência é que não haveria espaço para as impressões e, gramaticalmente, também não haveria espaço para adjetivos, como observado nos manuais de estilo de grandes veículos jornalísticos (cf. Manual da Folha; Manual do Estadão).

A voz da autora, no relato, é marcada por esse compartilhamento do que seria privado, isto é, impressões e aspectos subjetivos em relação à ela, não ao tema pautado. O leitor, então, passa a ser capaz de observar não só a investigação, mas a jornalista, enquanto pessoa, por trás. Torna-se mais simples a conexão com o texto e, conseqüentemente, com seus personagens.

É também por meio dos diálogos formais e informais que se percebe a humanização de todos os envolvidos. A autora, durante todo o ensaio, não os retrata meramente como arruaceiros ou drogados, mas sim como pessoas. Ela busca entendê-los, como quando toma chá com eles e demonstra seu interesse em saber “como Max se livrou dos seus complexos freudianos” (p. 81).

Didion alterna frequentemente de local durante o texto, capacitando-a a transmitir ao leitor diversas perspectivas, não havendo unilateralidade. Ela estabelece contato com a polícia (p. 83), “benfeitores” locais (p. 87) e com os próprios hippies. Aproxima-se da realidade com o olhar atento, perguntando e questionando sobre como pode chegar à tal pessoa ou tal lugar, como visto no caso de Chester Anderson, um “comunicador” das redondezas que só imprime aquilo que tem vontade (p. 87-88; p. 98-99).

A própria autora, então, é o fio condutor da história. É por meio dela que o relato toma forma e por onde o leitor confirma o teor informativo.

Conclusões

Verificamos que “Rastejando até Belém” (2021) pertence, de fato, à esfera literária do jornalismo, pelo cumprimento das cinco características previamente estabelecidas: imersão, voz autoral, liberdade do autor, humanização e fio condutor.

Posto que a autora compartilha constantemente suas impressões pessoais somente em contextos intersubjetivos e reflexivos, não em relação ao tópico pautado, concluiu-se que há neutralidade. A busca pela objetividade aparece devido ao caráter abrangente do aspecto social, já que a autora entrevista/conversa com pessoas oriundas de estratos sociais variados. A objetividade em si pode ser verificada até certo nível, pois além das declarações

subjetivas dos personagens e da autora, não há mais como verificar questões meramente descritivas. Baseado na literatura que envolve os anos 60 nos Estados Unidos, especialmente o movimento *hippie*, pode-se dizer que há um ensaio condizente com a realidade.

Consideramos que a inserção do eu funciona como ferramenta narrativa-jornalística de ordem empática, pois além de servir como fio condutor da narrativa, permite que o leitor se coloque no lugar da jornalista e possa se relacionar com o tema mais fortemente.

Como explicitado, não há como atingir completa neutralidade ou objetividade, pela natureza do discurso jornalístico e das particularidades do ensaio e seu contexto, porém ambas são verificadas a partir dos critérios dispostos.

REFERÊNCIAS

Didion, Joan. **Rastejando até Belém**. São Paulo: Todavia, 2021. Ebook.

Estadão. Manual de redação. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/manualredacao/gerais>
Acesso em: 20 de março de 2024.

Folha de São Paulo. Manual de Redação. Disponível em:
https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_introducao.htm. Acesso em: 20 de março de 2024.

Kramer, Mark. **Literary Journalism**: a new collection of the best american nonfiction. New York: Ballantine Books. 1995.

Oliveira, Dennis. **Iniciação aos estudos de jornalismo**. São Paulo: Abya Yala. 2020.

Pena, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. Revista Contracampo, n. 17 (2007): Comunicação e Documentários. Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17241>. Acesso em: 20 de março de 2024.

Peucer, Tobias. Os relatos jornalísticos. 1690. Revista Estudos em Jornalismo em Mídia, v. 1 n. 2 (2004): Os Relatos Jornalísticos. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070>. Acesso em: 20 de março de 2024.

Sponholz, Liriam. **Jornalismo conhecimento e objetividade**. Florianópolis: Insular, 2009.

Weingarten, Marc. **A turma que não escrevia direito**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Wolfe, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.